**Leishmaniose visceral canina – revisão de literatura**

**Rúbia Louise Basileu Moreira¹, Emerson Crisóstomo¹, Felipe Álvaro de Aguiar Chaves1Maria da Glória Quintão e Silva²**

*1Graduando em Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte/ MG – Brasil*

*²Professor do Departamento de Medicina Veterinária – UniBH – Belo Horizonte – MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

A leishmaniose visceral é considerada uma patologia negligenciada, embora haja elevada letalidade e ausência de tratamento adequado. É uma doença de caráter zoonótico, onde o cão é o principal reservatório urbano. A transmissão ocorre devido a picadas de flebotomíneos fêmeas infectadas com formas do protozoário altamente imunogênicas².A leishmaniose visceral canina (LVC) é caracterizada pela evolução crônica dos sinais víscero-cutâneos, com­­­­­­­­­ sinais generalistas, desde o emagrecimento até lesões cutâneas.5 Nessa esfera, a persistência da ocorrência de leishmaniose, tanto em humanos quanto em animais, os diferentes cenários epidemiológicos encontrados, são fatores que justificam a realização da fisiopatologia da leishmaniose visceral em cães, elucidando os sinais clínicos e os principais métodos de diagnóstico.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Este trabalho foi conduzido por meio de revisões bibliográficas de três artigos e dois manuais, publicados entre os anos de 2005 e 2019. A seleção foi realizada por pesquisa na base de dados Scielo, nas revistas científicas PUBVET, Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária e na Associação Científica Brasileish por meios dos descritores leishmaniose, tratamento e fisiopatologia. Foram selecionados artigos que contemplassem as perspectivas endêmicas da leishmaniose bem como suas consequências zoonóticas.

**REVISÃO DE LITERATURA**

Calazar ou leishmaniose visceral é o nome dado a doença causada por protozoários da ordem Kinetoplastida, família Trypanosomatidae e gênero *Leishmania*. É uma doença infecciosa, mas não contagiosa, considerada a mais severa dentre as leishmanioses, com grande potencial zoonótico que quando não tratada pode evoluir para o óbito do animal em mais de 90% dos casos 5.

A leishmaniose visceral canina (LVC) é uma doença crônica progressiva, considerada uma zoonose, transmitida para seres humanos e animais por meio das fêmeas de *Lutzomyia longipalpis* considerada o seu vetor 3.A LVC é causada pelo protozoário *Leishmania infantum chagasi.* Este, promove a infecção do vetor, quando fêmeas se alimentam de sangue de mamíferos infectados, ingerindo os macrófagos parasitados por formas amastigotas da *Leishmania*. Consequentemente, no trato digestivo do vetor, ocorre o rompimento dos macrófagos, liberando os amastigotas. Estes se transformarão em uma outra forma, denominada de promastigotas, que se reproduzem por divisão binária, diferenciando-se em promastigotas metacíclicas momento que adquirem a capacidade de infecção. As fêmeas dos flebotomíneos (vetores), ao realizarem um novo repasto sanguíneo em um vertebrado, liberam formas promastigotas metacíclicas juntamente com a saliva. Na epiderme do hospedeiro, essas formas são fagocitadas por células do sistema fagocitário mononuclear. No interior dos macrófagos diferenciam-se em amastigotas e multiplicam-se intensamente até a lise celular, momento em que ocorre a disseminação dos parasitos por meio da propagação hematogênica e linfática para outros tecidos ricos em células do sistema mononuclear fagocitário5.

Existem outras possíveis formas de transmissão tais como a transmissão venérea, transplacentária e por transfusão sanguínea, consideradas de menor relevância epidemiológica4.

Os animais infectados, nem sempre desenvolvem sinais clínicos e/ou alterações clínico-patológicas4. Em cães sintomáticos as manifestações clínicas da doença podem ser inespecíficas incluindo febre, anemia, emagrecimento e caquexia em seu estágio final além de lesões oftálmicas e lesões renais. São observados também, onicogrifose, enterite além de alterações dermatológicas, sendo estas consideradas as manifestações clínicas mais comuns. Podem ser observadas ainda queda de pelo, descamação cutânea e presença de ulcerações4.

O diagnóstico clínico da LVC é difícil de ser realizado devido à variedade de sintomas da doença. A forma mais segura de diagnóstico é a observação direta de formas amastigotas do parasito em esfregaços obtidos por citologia aspirativa por agulha fina de linfonodos, baço, fígado e aspirados de medula óssea, porém sua sensibilidade é dependente da fase da doença. Por isso, testes sorológicos quantitativos, como o RIFI e ELISA, associados ao PCR (reação em cadeia da polimerase) são fundamentais para o diagnóstico preciso4.

**Tabela 1 – Tipos de Diagnósticos na LVC**



Fonte: Diretrizes para o Diagnostico, Estadiamento, Tratamento e Prevenção da Leishmaniose Canina. Brasileish

Para cães diagnosticados com LVC, o tratamento objetiva a melhora de sinais clínicos, além de redução da carga parasitária do animal. O único fármaco aprovado para o tratamento da doença no Brasil é a miltefosina. A administração deste fármaco é feita por via oral, durante 8 dias, geralmente combinada ao uso de repelentes capazes de prevenir a aproximação do vetor2. A prevenção requer a conscientização da comunidade, sobre a gravidade da doença, o que permitirá a implementação de medidas para o controle do vetor, tais como, a utilização de coleiras, associadas aos inseticidas, repelentes, vacina e pulverização do ambiente1.

**CONCLUSÕES**

Pode-se concluir que é importante a realização de maiores estudos sobre a leishmaniose visceral e principalmente quanto a evolução do tratamento de enfermidade, bem como o trabalho social preventivo das regiões endêmicas, uma vez que se trata de uma zoonose de relevância e que continua acometendo diferentes populações.

**BIBLIOGRAFIAS**

